

## A CRISE DA HUMANIDADE EUROPEIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: APROXIMAÇÕES ENTRE HUSSERL E ORTEGA Y GASSET

Raimundo Sérgio Queiroz da Silva\*

**Resumo:** Neste trabalho procuro desenvolver uma justaposição entre pontos específicos da filosofia de Edmund Husserl e Ortega y Gasset, pontos esses que apresentam uma similitude correspondente em ambos pensadores. Tendo em vista que trabalharam temas e problemas caros à Europa do início do século XX, cada um ao seu modo, apontaram origens e possíveis soluções para a onda crescente de medo, autoritarismo e perda da significação da vida. Nesse sentido, um estudo que rastreie o fio condutor da percepção europeia sobre sua suposta falência é algo salutar devido às inúmeras possibilidades de reprodutibilidade das análises. A investigação faz um percurso de exposição da filosofia de Husserl e Ortega y Gasset, focando os elementos e obras em que trataram do tema em questão, e em seguida põe frente a frente os pontos passíveis de espelhamento. Desse processo será verificado se há de fato elementos conceituais comuns na visão de mundo europeia à época, mesmo em autores que se localizem através de correntes distintas.

**Palavras-chave:** Cultura; Europa; Crise; Filosofia; Vida.

**Abstract:** In this work I try to develop a juxtaposition between specific points in the philosophy of Edmund Husserl and Ortega y Gasset, points that present a corresponding similarity in both thinkers. Bearing in mind that themes and problems that were dear to Europe at the beginning of the 20th century, each in its own way, pointed out origins and possible solutions to the growing wave of fear, authoritarianism and loss of meaning in life. In this sense, a study that traces the thread of European perception about its supposed bankruptcy is salutary due to the innumerable possibilities of reproducibility of the analyzes. The investigation takes a journey of exposition of the philosophy of Husserl and Ortega y Gasset, focusing on the elements and works in which they dealt with the subject in question, and then brings the points that can be mirrored face to face. From this process, it will be verified whether there are in fact common conceptual elements in the European worldview at the time, even in authors who are located in different currents.

**Keywords:** Culture; Europe; Crisis; Philosophy; Life.

### INTRODUÇÃO

As duas guerras mundiais protagonizadas no continente europeu criaram atrocidades impensáveis até pouco tempo na história da humanidade como: campos de concentração, câmaras de gás e extermínio de toda uma população. Esses fatos só conseguiram ser assimilados em sua crueza pela opinião pública muito tempo depois, em decorrência do grau de barbárie desses relatos, tomavam uma aura inacreditável e inverossímil. (BRAYARD, 2019). Essa passagem histórica foi e continua sendo estudada sob múltiplas

---

\* Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Graduando em Direito pela Universidade Regional do Cariri (URCA).

perspectivas possíveis até o momento, com afinco, ao longo do tempo, pesquisadores começaram a criar eixos de compreensão (ARENDDT, 2013). Os motivos políticos e históricos são compreendidos com relativa facilidade até mesmo pelo estudante médio, entretanto, as motivações pessoais e culturais que proporcionaram esse fato ainda são obscuras, não por falta de empenho e desejo genuíno de conhecer, mas por sua profunda complexidade.

Estar preso em uma caixa e tentar defini-la pelo lado de dentro é algo quase impossível e, ainda assim há pensadores que se prestam a esse trabalho hercúleo de tentar compreender as origens, pesos e consequências de determinados fatos histórico-culturais mesmo estando submersos neles. Dentre eles podemos destacar dois que serão guias de nossa investigação: Edmund Husserl (1859-1938) que foi um matemático e filósofo alemão, pai da escola fenomenológica e José Ortega y Gasset (1883-1955), um dos principais pensadores espanhóis do século XX, criador da corrente filosófica conhecida por raciovitalismo. Em termos gerais são pensadores de correntes distintas — ainda que o filósofo paulista tenha sido influenciado em sua juventude por Husserl (ORRINGER, 1984, p.137) — contudo, o ponto de contato que nos interessa são suas análises quanto à suposta crise cultural da Europa, que ambos viveram e sofreram. Procuraremos compreender as aproximações e distanciamentos entre os dois.

É importante ressaltar que na Europa do final do século XIX e começo do século XX, principalmente depois da Grande Guerra (1914-1918), existia um sentimento difuso de confusão e desintegração da comunidade europeia que causava medo em todos (HUSSERL, 2002, p. 44). Esse estado de coisas foi o que tornou possível a ascensão dos discursos políticos paternalistas, simplistas e autoritários. Na novidade desse amálgama fervilhante de discursos autoritários e medo, o incômodo da classe intelectual é natural, assim como seus esforços para tentar entender o que está acontecendo, as forças que o originou e os rumos que tomará (ORTEGA e GASSET, 2016, p. 13-14). Nossos dois pensadores são uma modesta amostragem dos que trataram do problema à época. Será realizado a seguir uma exposição geral das análises de ambos e em seguida a realização de uma contraposição dos pontos principais com a finalidade de verificar a tese inicial, de que ambos trataram do mesmo problema, porém, com caminhos diferentes.

## DIAGNÓSTICO DE EDMUND HUSSERL

São inúmeros os elementos e ideias que poderiam “conspirar” a fim de concretizar as atrocidades da primeira metade do século passado. Entretanto, para Husserl que vivenciou e perdeu seu filho na Grande Guerra (HUSSERL, 2008, p. 3), em uma conferência intitulada “A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia” proferida em Viena no ano de 1935, os fatores são claros. O decaimento cultural europeu é o fundamento, e é evidenciado pela ascensão de correntes de pensamento como o racionalismo, positivismo, objetivismo e historicismo. As visões clássicas de mundo e de homem herdadas da civilização grega foram aos poucos abandonadas, dando lugar ao estado bestial que ficou patente na ascensão de regimes totalitários, uma descrença generalizada na força da humanidade de conduzir seus próprios rumos. Esses fatos são, para Husserl, consequências inevitáveis do desvio do projeto civilizacional, esse projeto que tem por objeto o mundo da vida e por guia a razão.

O mundo da vida (*Lebenswelt*) é o âmbito primordial da relação entre o sujeito intencional<sup>1</sup> e as coisas mesmas, portanto, pré-científico, onde encontramos os elementos que são passíveis à nossa consciência sem a mediação de conceitos e estruturas científicas. Esse mundo primordial é a condição de possibilidade das relações intersubjetivas. *Lebenswelt* torna-se um conceito importantíssimo para a fenomenologia de Husserl e o ponto de partida para análise da crise<sup>2</sup>. Essa noção é sintetizada por Missaggia da seguinte forma:

Assim, é evidente que a separação entre mundo da vida e saber científico é não somente uma separação artificial – na medida em que, em última instância, sempre realizamos a ciência, com base no solo mesmo deste mundo –, como ingênua: pretende-se, em nome de um ideal de cientificidade, encontrar as

---

1 Devido ao foco desse trabalho alguns conceitos periféricos serão resumidos. “*Intencionalidade* quer dizer referência a algo diferente; no caso dos atos psíquicos, referencia a um conteúdo, a um *objeto* (o que não quer dizer que o objeto seja *real*). Pensar e sempre pensar *algo*; sentir e sentir algo; querer e querer algo; amar ou odiar e amar ou odiar algo. Portanto, todo ato psíquico aponta para um objeto; esse objeto pode não existir, como quando penso no centauro ou, ainda mais, no quadrado redondo ou no pentaedro regular; porém ambos existem como *correlatas* do meu pensamento, como objeto para o qual aponta meu ato de imaginar ou pensar” (MARIAS, 2004, p. 414).

2 Compreendemos a fenomenologia como “uma ciência de objetos ideais. E portanto uma ciência *a priori*; além disso, é uma ciência *universal*, porque é ciência das essências das *vivências*. Vivência (*Erlebnis*) é qualquer ato psíquico; na medida em que a fenomenologia abarca o estudo de todas as vivências, tem de abarcar o dos objetos das vivências, porque as vivências são *intencionais*, e é essencial nelas a referência a um objeto. Portanto, a fenomenologia, que compreende o estudo das vivências com seus objetos intencionais, é *a priori* e universal” (MARIAS, 2004, p. 451-452).

verdades que estariam *escondidas* detrás da experiência de mundo cotidiana, quando, ao contrário, é justamente essa vivência ‘costumeira’ que está na base do mundo idealizado buscado pela saber científico. Sem o “horizonte de entes válidos” da “vida pré-científica” não haveria, em geral, qualquer tipo de conhecimento (2018, p. 201).

Husserl inicia a conferência definindo os métodos objetivos e matemáticos das ciências da natureza e seu sucesso em atingir seus objetivos, a dominação técnica da natureza. Esse processo está fundamentado na análise de dados advindos da realidade sem a interferência de uma subjetividade que distorça as suas características. As ciências do espírito, como ele chama, vendo seu irmão do lado conseguindo realizar tantos feitos gloriosos por meio dessa metodologia, achou por bem empregá-la fielmente nos seus campos de estudo. Analisar a consciência e seus atos, individuais e coletivos, presentes e passados, sob a ótica puramente objetiva.

Essa tentativa natimorta de reificar o sujeito e suas esferas teve seu ápice na psicofísica e no positivismo, enquanto aquele buscava quantificar a intencionalidade da consciência este buscava a primazia dos dados sensíveis na análise da atividade humana. A psicofísica reificava no âmbito individual e o positivismo reificava no âmbito coletivo, ao menos no início. Contudo, esqueceram que qualquer ente que é percebido por uma consciência já é, neste instante, local da intencionalidade da consciência e por isso mesmo produto do espírito. O mundo da vida é realidade que toma sua significação e finalidade na própria vida do espírito, na própria consciência. “É um absurdo considerar a natureza do mundo circundante como algo por si alheio ao espírito e então querer fundamentar, em consequência, a ciência do espírito sobre a ciência da natureza e fazê-la, assim, pretensamente exata.” (HUSSERL, 2002, p. 46).

Estando claro a desvirtuação das ciências do espírito por conta do objetivismo, mais à frente na conferência ele define o que é a Europa, não como continente ou algo símile, mas como um projeto cultural — mais recentemente se tem chamado civilização ocidental — que tem notório local de nascimento: Grécia. É nela que surge a filosofia, e esta é a raiz de toda a discussão. A filosofia marca um importante ponto na história da humanidade. Quando a narrativa mítica do mundo evidenciada por Homero e Hesíodo começa a perder força, e as técnicas artísticas evidenciadas por Ésquilo e Sófocles não conseguem mais vivificar as instituições políticas e as relações do homem e da comunidade com o mundo que o circunda, é da crise de sentido que surge a filosofia. Seu estado embrionário pré-socrático deixa bem claro esse aspecto, sendo esse momento uma

busca pela *arché*, ou seja, o princípio elementar de todo o cosmos que, em última instância, o ressignificaria. (VOEGELIN, 2009, p. 239-258).

A subjetividade foi atacada e descredibilizada pelas correntes filosóficas vigentes na modernidade. A realidade circundante era tratada sob o prisma da matematização das ciências da natureza e do objetivismo, que em suma transformaram o outro e as genuínas vivências em dados e equações, fatos e só isso. O referido empobrecimento da cultura europeia no fundo é o abandono da racionalidade em favorecimento de uma razão onipotente que ignora os limites naturais da razão. Não se trata, pois, de um fracasso da razão enquanto tal, mas do racionalismo como técnica fundante de toda a compreensão e relação com a realidade.

A filosofia torna-se no seu surgimento o projeto de horizontes infinitos, um *télos* que não se dirige a um objetivo fixo e limitado, mas ao processo mesmo de sua efetivação na história. Caracterizada pela constante renovação da significação do projeto de vida, dá origem a todas as outras ciências. Husserl deixa claro que é a filosofia o elemento fundamental da cultura europeia, a sua coluna dorsal:

Creio que nós sentimos (e apesar de toda obscuridade, este sentimento provavelmente tem sua razão) que à nossa humanidade europeia está inata uma entelequia que domina todas as mudanças de formas europeias e lhe confere o sentido de uma evolução em direção a um polo eterno. [...] O *télos* espiritual da humanidade europeia, no qual está compreendido o *télos* particular das nações singulares e dos homens individuais, situa-se num infinito, é uma ideia infinita, para a qual tende, por assim dizer, o vir-a-ser espiritual global (HUSSERL, 2002 p.48).

A cultura europeia é desenvolvida desde a Grécia Antiga como um projeto em que a razão é a justa medida. O aperfeiçoamento da racionalidade é encarado desde aquele tempo como missão, sendo atemporal, apartidária, continental e impessoal. O estado em que chegou o continente europeu não significa uma impotência ou falha do projeto milenar, contudo, um desvio lento e gradual dos verdadeiros objetivos e os princípios que os norteiam. Esse desvio cultural é identificado por Husserl desde pensadores como Descartes e Galileu até Kant e Comte. O objetivismo aviltou as ciências do espírito e nesse sentido a humanidade deixou de se relacionar com os significados de forma direta e intuitiva.

Exposto a crise das ciências do espírito causada pelo desvio e evidenciada na barbárie, Husserl busca equacionar o problema com uma digressão ao surgimento da Europa como

constituição cultural, que em última medida é a própria filosofia enquanto projeto teleológico. Posto esse panorama, a discussão se encaminha para as soluções.

A solução para esse mal que se abateu sobre o continente é renovação. Essa renovação não significa dizer que o projeto grego faliu, mas, muito longe disso, um reconhecimento de sua força que nos trouxe até aqui e nossa obstinada recusa em lhe conceder a devida vênua. Husserl declara em seus escritos na revista *Kairos*:

Tras estos análisis es claro que la vida moral es por esencia, en efecto, vida en *renovación*, vida en una voluntad originaria de renovación, que luego necesita siempre reactivarse. Una vida ética que merezca tal nombre en el verdadero sentido no puede surgir y crecer *de suyo*, al modo de la pasividad orgánica (HUSSERL, 2012, p. 45).

No fundo, as ciências do espírito foram de tal modo contaminadas pela reificação que, até mesmo a vida do espírito — naturalmente dotada de um valor intrínseco por conta da consciência — perdeu-se no percurso. Essa renovação é o reencontro da consciência com seu mundo, o mundo da vida (*Lebenswelt*), que gera tanto a harmonia das ciências com seus âmbitos próprios, quanto da vida ética com seu horizonte de sentidos.

Em uma perspectiva mais geral da filosofia husserliana, esse projeto de renovação encaixa-se na revivificação do sujeito transcendental e do compromisso com os deveres exigidos para manter esse monumento cultural, qual seja, a constante vigilância da razão. Em suma, o estado de coisas não é o resultado inevitável do projeto cultural europeu, entretanto uma insistente desorganização de seus fundamentos e uma persistente recusa em reconhecer sua importância. Portanto, a urgente renovação é regresso. Os renascentistas já sabiam que não era preciso “reinventar a roda” para resolver problemas conhecidos.

## **DIAGNÓSTICO DE ORTEGA Y GASSET**

O José Ortega y Gasset à primeira vista pode parecer um autor não-sistemático, que desenvolve sua teoria com pouca estrutura maior que venha a alcançar todos os problemas tratados sob uma metodologia única. Entretanto, nada estaria mais longe da realidade, não só porque o raciovitalismo é a teoria filosófica em que Ortega y Gasset baseia toda sua

visão de mundo e desenvolve suas questões, mas também porque – como ressalta seu proeminente discípulo Julian Marias – não é possível uma compreensão verdadeira da obra recortando um pequeno pedaço, é necessário que a leitura esteja inserida no contexto maior (2016, p. 22-27).

Devido o foco desse trabalho, seria contraproducente a explanação extensiva de toda a filosofia desse pensador. Entretanto, a fim de inserir a argumentação num contexto que o elucidie, vejamos como Ortega y Gasset resume o raciovitalismo:

[...] acreditamos que a razão, que o conceito, seja um instrumento doméstico do homem, do qual ele necessita e usa para esclarecer sua própria situação em meio à infinita e ultraprobemática realidade que é sua vida. Vida é luta com as coisas para sustentar-se entre elas. Os conceitos são o plano estratégico que fazemos para responder ao seu ataque. Por isso, escrutando bem a entranha profunda de qualquer conceito, vê-se que não nos disse nada da coisa mesma, mas simplesmente resume o que um homem pode fazer ou padecer dessa coisa. Essa opinião taxativa, segundo a qual o conteúdo de todo conceito é sempre vital, sempre ação possível, ou padecimento possível de um homem, que eu saiba, não foi sustentada por ninguém até agora; mas esse é, a meu ver, o indefectível término do processo filosófico que se inicia com Kant. Por isso, se revisamos à sua luz todo o passado da filosofia até Kant, vai parecer que, *no fundo*, todos os filósofos disseram o mesmo. Agora bem: toda descoberta filosófica não passa de uma descoberta, e um trazer à superfície o que estava no fundo (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 212).

A crise europeia é vista por Ortega y Gasset como uma perturbação no processo natural de organização infra-política da sociedade, com um ponto fulcral de tensão, o surgimento do homem-massa, que trataremos mais à frente. O que isso quer dizer? Em partes quer dizer que existe uma forma natural de organização da sociedade que foi sedimentada na sua evolução, e que é caracterizada por um certo tipo de aristocracia e as massas (ARENDDT, 2012). A política é o cume de um gigantesco edifício civilizacional, que tem por base os costumes, cultura, história, tradição, religião. Sendo assim, doenças que estejam situadas na infraestrutura social só aparecerão na política com o passar do tempo, e, portanto, quando aparecerem já corroeram profundamente os alicerces. A perturbação do surgimento do homem-massa é devido a uma tomada das rédeas dos rumos da sociedade por alguns que não compreendem a constituição e necessidades daquilo que estão à frente. Dessa forma equaciona-se o problema, existe uma estrutura social criada no percurso de milênios, a que chamamos civilização, e uma de suas idiossincrasias é a diferença entre aristocracia e massa, surge o homem-massa que perturba a ordem gerando distorções perigosas (ENTRALGO, 2016).

Estruturado o panorama, desvendemos a origem desse novo homem qualificado como massa. Ele é uma confluência de fatores genuinamente modernos como: êxodo rural, aumento da expectativa de vida, aumento da natalidade, diminuição da mortalidade infantil, desenvolvimento de tecnologias alimentícias, desenvolvimento da medicina e da tecnologia que a assiste, novas formas de deslocamento espacial, novas formas de comunicação, enfim, tudo o que leva a uma subida do nível histórico<sup>3</sup>. As cidades eram, até o século XIX, redutos de população relativamente controlada, com algumas exceções como as capitais de impérios. Com o desenvolvimento tecnocientífico da modernidade, com especialidade as revoluções industriais, houve um deslocamento de populações inteiras advindas do campo em direção à cidade. Os homens que se formaram imersos nessa mudança, por desfrutarem dessas conquistas maravilhosas, começaram a acreditar arrogante e soberbamente estarem aptos a dirigir a sociedade.<sup>4</sup>

Aí é onde reside o problema. Há um aumento da qualidade de vida e o abrandamento dos dramas vitais de outrora, entretanto esse conforto e segurança não garantem disposição de espírito e qualificação intelectual para tal empreendimento. É a história do velho ditado popular: “Querer não é poder”. Os aristocratas, denominados por Ortega y Gasset como homens especiais, são caracterizados por exigirem de si sempre mais, num movimento constante de aperfeiçoamento em todas as habilidades necessárias para o pleno exercício de suas funções. De certa forma, é isso o que caracterizava a aristocracia no seu surgimento, mas que por se cristalizar em dinastias hereditárias, as futuras gerações perdiam de vista este dever para com os antepassados e com as massas. Julian Marias assim pontua:

Toda sociedade — Ortega o demonstrou há trinta e tantos anos — é a articulação de uma massa com uma minoria. Porém massa e minoria, embora sejam dois termos que indiquem, a primeira a coexistência de muitos homens, a segunda a de poucos, não significam por isso, primariamente, quantidade, e sim duas funções recíprocas: a massa é organizada, estruturada por uma minoria de indivíduos seletos. [...] Ortega dedicou um bom número de páginas

---

3 Nível histórico é o conceito que encerra a noção de que a vida é caracterizada por um drama fundamental: a dificuldade de escolha e efetivação das potencialidades vitais. A história é marcada por um gradual enriquecimento vital, onde os que nasciam em épocas mais longínquas tinham algumas poucas possibilidades de escolha frente a vida, ao passo que no seu percurso essas possibilidades foram se ampliando. Os níveis históricos são os diferentes momentos desse processo. A modernidade é encarada como um salto sem precedentes desses níveis. (*ibidem*, p. 107-113)

4 É importante ressaltar a diferença entre as massas como fenômeno populacional e quantificado e o homem-massa como um tipo de homem, residente na esfera qualitativa e não quantitativa. Isso é deixado claro por Ortega quando diz que “Por ‘massa’ — prevenia eu no princípio — não se entende especialmente o operário; não designa aqui uma classe social, mas uma classe ou modo de ser homem que se dá hoje em todas as classes sociais, que por isso mesmo representa o nosso tempo, sobre o qual predomina e impera” (*ibidem*, p. 186).



ao estudo desta articulação mostrando que a saúde de um corpo social depende, em grande parte, da normalidade dessa ação recíproca, que a demissão da minoria dirigente, sua apatia ou seu fastio, ou, por outro lado, a indocilidade da massa, provocam um estado de enfermidade social, de dissociação. (1955, p. 68)

Posto o cenário de origem desse novo personagem histórico, vejamos quais são as principais características do homem-massa e porque são consideradas tão perigosas: (1) Ingratidão para com os esforços das gerações passadas que proporcionaram essa subida de nível histórico. (2) Arrogância de acreditar ser o ápice de história humana, e por conta disso desprezar sua própria história. (3) Violência ao intervir nas questões sociais e privadas sem a devida prudência requerida. (4) Ingenuidade ao depositar no tecnicismo toda sua esperança.

Na ingratidão do homem-massa ele não reconhece que as instituições, os costumes, a cultura, a filosofia ou a religião são dotadas de um valor fundamental para existência da humanidade tal qual ela nos aparece. Por desconhecer esses elementos com alguma profundidade, ele os vê como adornos dispensáveis. O pensamento é: “Pra que me serve uma religião ou a cultura? Eu consigo viver sem elas”. Em última instância significa dizer que todas as milhares gerações anteriores às nossas — que se dedicaram tanto para construir e entender esses elementos — eram inferiores, por não verem as besteiras que essas coisas são, pois elas são dispensáveis. Ingratidão tem uma relação íntima com ignorância, que na verdade permeia todas as outras características desse personagem.

Arrogância de achar que só porque tem um celular para passar o dia inteiro olhando para a telinha, sua vida seja substancialmente mais dotada de significação do que as que vieram antes. Talvez isso seja verdade no sentido inverso. Essa doença do espírito do homem-massa é semelhante ao conceito de “provincianismo temporal” cunhado por *T.S. Eliot*, que significa achar sua época tão superior as outras, desmerecendo-as ao mesmo tempo que as ignora. (LUZ, 2014, p. 40) Esse tipo de provincianismo parece ser ainda mais obtuso do que o provincianismo geográfico, pois nesse provincianismo sua região não deve sua “superioridade” à outra região ao qual despreza, ao contrário do provincianismo temporal que é justamente isso, desprezar os que lhe favoreceram.

Ortega y Gasset compara a violência do homem-massa à do bárbaro de outrora, só que de forma mais sutil e, por conta disso, mais perigosa. Esse novo bárbaro é evidenciado, por exemplo, nas depredações de padarias em épocas de crise, ou ainda, para ser mais direto,

nas depredações de pontos comerciais na cidade de São Paulo em 2013.<sup>5</sup> Por conta de um aumento na passagem de ônibus — não cabe aqui discutir a justiça ou não desse ato — alguns jovens foram às ruas protestarem e em pouco tempo o centro de São Paulo estava sem um vidro se quer. O grau de civilidade de uma sociedade, diz nosso *maestro* paulista, é percebido pelos meios empregados nas reivindicações individuais ou coletivas. A sociedade que leva a violência à *ultima ratio* é a sociedade mais civilizada, e a que só resolve os litígios através da força é a menos civilizada, os bárbaros. Instrumentos como o Direito, por exemplo, são considerados dispensáveis pelo homem-massa.

Por último, mas não menos importante, a pululante ingenuidade de depositar na técnica toda a autoridade e esperança de organização e progresso da humanidade. Isso começa com o positivismo e é naturalizado com o passar do tempo. Acreditar que o cientista que aparece na televisão pode organizar toda a vida, desde a hora de dormir até a quantidade de passos dados no dia, é depositar demasiada esperança na ciência. Isso é um problema porque o homem-massa renegando o resto do arcabouço civilizacional se apega somente ao tecnicismo e cientificismo, mas esses bolsões não são imunes ao novo tipo de homem. “Invasão vertical dos bárbaros”<sup>6</sup> é a sentença referenciada por Ortega y Gasset para designar os homens de ciência que não passam de homens-massa dotados de um conhecimento extremamente pontual. Eles dominam esses pequenos redutos do conhecimento, que de tão pequeno não é necessário um grande conhecimento de conjunto, tornando a atividade científica e técnica puramente mecânica. Ainda assim, opinam e interferem em todas as outras áreas do saber que ignora solenemente, destarte fica evidente essa doentia crença desmedida.

---

5 Os *Black Blocs* são um exemplo retumbante dessa reivindicação violenta, marcados não pelas reivindicações ou pelas pautas defendidas, mas, na verdade, o que os caracteriza são os meios pelos quais vão à “guerra.” Essa tática foi definida por José Pedro Zúquete como “A presença de mascarados, geralmente de negro, que se dedicam entre outras coisas à confrontação com a polícia, à destruição de propriedade, e à defesa de manifestantes da atuação policial, não deixa ninguém indiferente, nem a comunicação social, nem a opinião pública. É importante estabelecer desde já que os *Black Blocs* não são um grupo, ou um movimento. Eles são uma tática (surgiu na Alemanha nos anos 70, como forma de defesa de espaços ocupados por diversos grupos). Os participantes de *Black Blocs* defendem a diversidade de táticas na luta contra o *status quo*.” (2016, p. 978)

6 Conceito criado por *Walther Rathenau* para designar exatamente esse processo de esfacelamento da qualidade intelectual superior. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 123). Um filósofo brasileiro, Mario Ferreira dos Santos, publicou um livro titulado com essa sentença.

Para encerrar essa parte dos conceitos elementares e suas relações — homem especial ou aristocrata, massas dirigidas, níveis históricos, homem-massa — que lançam luz sobre a crise europeia, Ortega y Gasset consegue resumir dessa maneira:

[...] a própria perfeição com que o século XIX organizou certas ordens da vida é causa de as massas beneficiárias não a considerem como organização, mas como natureza. Assim se explica e define o estado de ânimo absurdo que essas massas revelam: não se preocupam com nada além de seu bem-estar e, ao mesmo tempo, são insolidárias às causas desse bem-estar. Como não veem, nas vantagens da civilização, uma invenção e construção prodigiosas, que só se sustentam com grandes esforço e cuidados, creem que seu papel se reduz a exigi-las peremptoriamente, como se fossem direitos nativos [...]. (2016, p. 131).

Agora passemos à fase final: uma possível solução. Compreendendo com seriedade a concepção de mundo raciovitalista, é natural que essa solução não se encontre em nada para além da própria vida. A vida do homem-massa é marcada por uma profunda inautenticidade, justamente por não querer encarar a vida como ela é, um perene drama que nos exige constantemente escolhas. Um destino desvendado com o percurso da relação entre o eu e minhas circunstâncias, nessa relação em que transformo minha circunstância ao mesmo tempo que ela me transforma. Ele nos brinda com essa inestimável passagem:

Homem de cabeça clara é aquele que se liberta dessas ‘ideias’ fantasmagóricas e olha a vida de frente, e assume que tudo é problemático nelas, e se sente perdido. Como isso é a pura verdade — a saber, que viver é se sentir perdido —, quem o aceita já começou a encontrar-se, já começou a descobrir sua autêntica realidade, já está em terra firme. Instintivamente, como o naufrago, buscará algo para se agarrar, e essa busca trágica, peremptória, absolutamente veraz, porque se trata de salvar-se, o fará ordenar o caos de sua vida. Estas são as únicas ideias verdadeiras: as ideias dos naufragos. O resto é retórica, postura, farsa íntima. Aquele que não se sente verdadeiramente perdido, perde-se inexoravelmente; quer dizer, jamais se encontra, nunca encara a própria realidade. (*ibidem*, p. 239)

Esse trecho resume tanto a solução para os problemas de nossa época quanto o próprio raciovitalismo, ou seja, a solução para o problema do homem-massa é o raciovitalismo. Pois a vida que não se entrega à sua realidade radical, que é essa tragédia de escolher diante das potencialidades quase infinitas, não consegue buscar seu sentido fora de si mesma, assim como o naufrago. O destino é visto como essa atualização/formalização da vida que se dá no seu próprio percurso. Em outra parte menos visceral, Ortega y Gasset diz que:

No dia em que uma autêntica filosofia voltar a imperar na Europa [Em nota: [...]Para que a filosofia impere, basta que ela exista; quer dizer, que os filósofos sejam filósofos. Desde quase um século, os filósofos são tudo menos

isso — são políticos, são pedagogos, são literatos ou são homens de ciência.] — única coisa que pode salvá-la —, voltaremos a entender que o homem é, deseje ou não, um ser constitutivamente forçado a procurar uma instância superior. Se conseguir por si mesmo encontrá-la, é que é um homem excelente; se não, é que é um homem-massa e precisa recebê-la daquele (*ibidem*, p. 193-194).

Fica claro que a solução de Ortega y Gasset o caminho para a Europa e nosso tempo se livrar desse decaimento civilizacional é uma autêntica filosofia, que preencha novamente a vida de significado para além de sua simples existência. Fica subentendido que o próprio raciovitalismo é uma saída para esse drama, um choque de realidade nas vidas dos homens-massa. Não seria viável fazer um apanhado em toda a obra de Ortega y Gasset sobre o que ele pensa da Europa ou do nosso tempo, mas essa exposição foi suficiente para compreender em termos gerais o seu pensamento quanto a essa questão.

### 3 APROXIMAÇÕES

Edmund Husserl e José Ortega y Gasset são, sem dúvida, pensadores singulares, e por isso uma identificação completa entre suas filosofias seria uma impossibilidade ontológica. Mas mesmo assim, no trato de uma questão específica dois grandes pensadores podem convergir, sendo aparentemente o que ocorre entorno do problema europeu à época deles. Conseguimos identificar três pontos de contato entre suas análises, são elas: (1) a identificação do positivismo/cientificismo como elemento corruptor da sociedade europeia, (2) a renovação/revivificação da vida e seu significado como elemento indispensável para a boa saúde da sociedade (3) e o advento de uma autêntica filosofia para sua reorganização.

As origens das mazelas europeias parecem ser diferentes em ambas análises, e de fato são, entretanto, para Husserl o positivismo é o principal elemento corruptor das ciências do espírito que desemboca na crise da humanidade europeia. O positivismo castra a consciência de sua relação intencional com o mundo da vida, forçando uma mediação por meio da retificação dos atos de consciência. Enquanto que para Ortega y Gasset o cientificismo que é tido como último bastião da esperança de nossa sociedade, é uma das características do homem-massa, personagem esse que ameaça nosso tempo. O próprio cientificismo é um problema, pois ao especializar tanto os ramos de estudos consegue

produzir pesquisadores tão especialista a ponto de ignorar o resto do conhecimento, sem um conhecimento e cultura que se propõe à totalidade, torna a vida inautêntica — sintoma do homem-massa. Percebemos que o ceticismo exposto por Ortega y Gasset e o positivismo de Husserl são — cada um inserido no seu sistema e vocabulário — em última análise o mesmo fenômeno. Apesar de não ser novidade os perigos dessa metodologia científica e visão de mundo, eles conseguiram em seu tempo, mesmo estando submersos à avalanche história da primeira metade do século XX, realizar um diagnóstico que se mostrou mais adiante inequívoco.

O segundo ponto de contato entre os dois pensadores é a urgência de uma renovação da vida, de novas formas de “ordenar o caos de sua vida”, como Ortega y Gasset citado anteriormente. “Uma vida ética que mereça esse nome no sentido verdadeiro não pode surgir e crescer a partir dela mesma, à maneira da passividade orgânica.”<sup>7</sup> como disse Husserl, significa que a renovação de que se fala é um dar forma à vida. Semelhante à diferença entre vida *bios* e *zoé* na cultura grega, a vida que se direciona à renovação está constantemente vivificada na sua esfera ética. Assim como para Ortega y Gasset que encontra na vida a realidade radical, que necessita encontrar-se no horizonte de possibilidades vitais e atualizar seu destino, ordenando esse caos primordial. São noções de necessidades vitais muito próximas, e que de certa forma já propõem um caminho frente às atrocidades vividas em suas épocas.

A filosofia parece ser o último ponto de contato entre os dois. Para Husserl, a filosofia é o projeto civilizacional que tem início na Grécia e se estende por toda a Europa e Ocidente. Sua característica principal é ser guiada por uma justa razão. Ser ela mesma um *télos* sem fim fixo, na qual o processo de refinamento da razão é a sua principal finalidade, e sofreremos por perder essa perspectiva de vista. Enquanto que para Ortega y Gasset, a autêntica filosofia é a única capaz de salvar a Europa de sua situação, pois ela consegue oferecer significado à vida. Nós homens somos necessitados de uma instância superior que nos guie, e ela para Ortega y Gasset é a filosofia. Novamente há uma aproximação no que toca às suas considerações sobre o papel da filosofia na resolução dos dilemas da civilização moderna.

---

7 Tradução própria.

O percurso traçado no início foi realizado com o foco que investigação requeria. Após a exposição das análises de Husserl e Ortega y Gasset sobre os problemas que sofre a Europa em seus tempos, sucedemos à justaposição dos pontos que encontramos passíveis de aproximação. Tendo em vista a evidente semelhança e espelhamento de sintomas e soluções, concluímos que há de fato pontos de contato entre as duas análises, mesmo que ressalvado suas respectivas idiossincrasias, tanto na linguagem quanto no sistema em que estão inseridos. Isso abre possibilidades a futuras investigações quanto à influência das circunstâncias no desenvolvimento filosófico, tendo em vista que os autores tratados não participam da mesma corrente, nem mesmo tratam via de regra da mesma temática filosófica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRAYARD, Florent. *Auschwitz: Investigación sobre un complô nazi*. Traducción Javier García Soberón. Barcelona: Arpa, 2019.

ENTRALGO, Pedro Laín. *La España de Ortega*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2016. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc8w597>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

HUÉSCAR, Antonio Rodriguez. *Con Ortega y otros escritos*. Madrid: Taurus, 1964.

———, *Ortega ante nuestro tiempo*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2015. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcpv8g2>> Acessado em: 13 jan. 2020.

HUSSERL, Edmund. *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. Tradução Pedro M. S. Alves. Covilhã: LusoSofia press, 2008.

———, *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. Introdução e tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

———, *Renovación del hombre y de la cultura: Cinco ensayos*. Introducción Guillermo Hoyos. Traducción Agustín Serrano de Haro. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012.

LUZ, Alexander Rezende. O provincianismo temporal e seus opositores: de T.S. Eliot a Antônio Cícero. *Revista Humanidades*. Fortaleza, v. 29, n. 1, p. 39-49, jan./jun. 2014.

MARIAS, Julian. *Introdução* In: ORTEGA Y GASSET, José, *A Rebelião das Massas*. Campinas: Vide Editorial, 2016.

———, *A Estrutura Social: Teoria e Método*. Tradução Diva R. de Toledo e Piza. São Paulo: Duas Cidades, 1955.

———, *História da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MISSAGGIA, Juliana. A noção husserliana de mundo da vida (*Lebenswelt*): em defesa da sua unidade e coerência. *Trans/Form/Ação, Marília*. Revista de Filosofia da Universidade Estadual Paulista, v. 41, n. 1, p. 191-208, Jan./Mar., 2018.

ORRINGER, Nelson R. Ortega y Gasset's Critique of Method. *Comparative Criticism*. Cambridge University Press, v. 6, 1986, p. 134-154.

ORTEGA Y GASSET, José. *A Rebelião das Massas*. Campinas: Vide Editorial, 2016.

———, *El Tema de Nuestro Tiempo*. Madrid: Taurus, 1958.

———, *Europa y la idea de nación*. Madrid: Alianza, 1998.

VOEGELIN, Eric. *Ordem e História – O mundo da Pólis*. Tradução Luciana Pudenzi São Paulo: Loyola, 2009.

ZÚQUETE, José Pedro. O anarquismo está de volta?. *Análise Social*. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, v. 51, n. 221, p. 966-989, Out./Dez. 2016.